

D.GILBERTO

Faleceu ontem com 98 anos. D. Gilberto Pereira Lopes, arcebispo emérito da Arquidiocese de Campinas, depois de ter sido o responsável pela diocese de 1980 a 2004 quando renunciou.

Conheci D. Gilberto, em 1963, ainda como padre, Pe. Gilberto, Reitor do Seminário de Brodósqui, da Arquidiocese de Ribeirão. Fui ordenado padre em 1960 na diocese de Guaxupé, MG e, no ano seguinte, nomeado Reitor do Seminário Menor (160 alunos) e Maior (35 alunos no Curso de Filosofia).

No vídeo que fiz sobre o encontro dos Ex Seminaristas contei a surpresa de minha nomeação ao cargo de Reitor do Seminário de Guaxupé com 26 anos de idade.

Entusiasmado com as mudanças que a Igreja discutia, nas vésperas do Concílio, procurei saber se havia algum seminário que estava se renovando, saindo daquele ranço que existia na formação dos seminaristas.

Soube da experiência de Brodósqui. O Pe. Gilberto, baiano, tinha sido convidado pelo Arcebispo de Ribeirão Preto, D. Luís Mousinho, para ser reitor do seminário.

Conheci D. Mousinho quando estudava teologia no Seminário Maior do Ipiranga em São Paulo (1957/1960), um bispo progressista, antenado com as mudanças propostas para a Igreja.

Isto me animou a ir a Brodósqui conversar com Pe. Gilberto. Ele tinha sido nomeado reitor em 1957 e, no ano de 1962, foi à França estudar Pedagogia no Instituto Católico de Paris, onde fez sua dissertação de mestrado Adolescência e Seminário Menor”.

A partir de 1963, fizemos intercâmbio entre os seminaristas dos dois seminários e, logo em seguida, foi organizado encontros de reitores para discutir a formação dos seminaristas.

O último encontro do qual participei foi no final de 1963, vésperas do Golpe Militar. Havia uma grande polarização política no Brasil, pois Jango Goulart tinha proposto as Reformas de Base, que inclusive eram apoiadas pela CNBB através de secretário. D. Helder Câmara.

Foi convidada para coordenação do encontro a grande educadora Maria Nilde Mascelani que tinha criado os Ginásios Vocacionais, em São Paulo, em Americana e em Batatais, uma experiência notável de renovação do ensino médio.

No meio do encontro, apareceu, sem ser convidado, o secretário de Educação do governo Ademar de Barros, Pe. Baleeiro, um padre reacionário, que pediu a palavra e começou a nos acusar de comunistas.

Houve um mal-estar muito grande no meio do encontro. Num dos dias da Semana em homenagem a D. Gilberto, na PUC, lembrei com ele este episódio. Coincidentemente deixamos a reitoria no mesmo ano, 1966.

Ele foi ser Cura da Catedral de Ribeirão Preto e eu, a convite de um amigo, eleito Bispo de Itabira. MG, D. Marcos Antônio Noronha, fui ajudar na formação de comunidades eclesiais de base junto aos operários da Companhia Vale do Rio Doce.

Voltei a encontrar D. Gilberto, somente na década de 70, ele agora como Arcebispo de Campinas e eu, tendo deixado o ministério, como professor de Faculdades em Jundiaí, Itu e Itatiba.

Antes de ingressar na PUC, no início dos anos 80, acompanhei a sua atitude firme ao demitir dirigentes superiores da Universidade que foram descobertos como alunos fantasmas do curso de jornalismo.

Na época, fazia mestrado em Sociologia na PUC-SP e minha dissertação era no campo da Sociologia da Religião.

Fiz uma pesquisa em Itapira que pertencia à Arquidiocese de Campinas.

Lá procurei levantar dados históricos e atuais da cidade para provar a existência de vários catolicismos no Brasil, objeto de meu trabalho, depois publicado com o nome de “Os Catolicismos Brasileiros”.

Encontrei-me algumas vezes com D. Gilberto, em Itapira e em Campinas, e utilizei sua Carta Pastoral de 1978, lançada na comemoração dos 70 anos da criação da diocese, para pesquisar dados sobre a história da diocese.

Ingressei na PUC em 1985. Tinha sido demitido das Faculdades Franciscanas de Itatiba, hoje USF, por ter organizado a Associação dos Professores da Universidade e liderado o primeiro movimento grevista.

Na PUC, logo participei da diretoria do Sinpro e Apropuc. Como membro representante dos professores no Conselho Universitário, acompanhei todas as manifestações de D. Gilberto e vi sua preocupação com os rumos da Universidade.

Nem sempre nós, professores, concordamos com suas decisões.

Na Universidade, a nossa luta, no Sinpro e na Apropuc, era por melhores condições de trabalho e melhores salários e também pela democratização da Universidade.

Quanto à luta por melhores salários, é evidente que houve momento de tensão e conflito não diretamente com D. Gilberto que era o Grão-Chanceler da Universidade mas com a Reitoria, porque por ocasião das negociações salariais nem sempre se chegava a um acordo, o que levava a greves.

Apesar das tensões e conflitos, sempre houve um espaço aberto para o diálogo e, certamente, com orientação de D. Gilberto.

Houve uma greve histórica, a de 1986, que durou 41 dias, pois não queríamos somente aumento salarial mas também uma carreira docente. A greve foi vitoriosa

Fiz parte da Comissão da Carreira Docente, como representante dos professores da área de Humanas e, depois de sua aprovação, fui coordenador por dez anos.

A conquista da carreira docente permitiu que a Universidade não se limitasse ao ensino, mas à pesquisa e à extensão e principalmente a projetos de capacitação docente que possibilitaram a melhoria da qualidade de ensino com professores mestres e doutores. Quanto à democratização da Universidade também houve tensão e conflito, pois o órgão representativo dos professores, dos funcionários e dos alunos instituíram eleições prévias

para a Reitoria, o que permitiu debates sobre os rumos da Universidade. Houve debates de chapas que se apresentaram com professores, alunos e funcionários. Mas críticas que eram feitas ao processo, levou o Arcebispo, por meio da Mantenedora, a alterar os Estatutos da Universidade, decretando o fim das prévias.

Acompanhei também seu trabalho na Pastoral da Arquidiocese, principalmente seus textos divulgados todos os anos no dia 1º de maio, Dia dos Trabalhadores que expressavam sua preocupação com os trabalhadores da cidade e do campo

Fui professor durante 40 anos e encontrei na PUC um espaço aberto e pluralista para desenvolver o meu trabalho como docente. A atuação de D. Gilberto como Grão-Chanceler da Universidade (1980/2004) foi fundamental para que a PUC enfrentasse as crises e se consolidasse como uma grande universidade